

Uso da Radiofrequência no tratamento da Incontinência Urinária



Zsuzsanna Ilona Katalin de Jármay Di Bella

Professora Adjunta Livre Docente e Chefe da Disciplina de Ginecologia do Departamento de Ginecologia da Escola Paulista de Medicina - UNIFESP

Email: z.bella@unifesp.br

ORCID 0000-0001-9179-3023

Conflitos de interesse: nada a declarar.

Palavras-chave: fractional radiofrequency, genitourinary syndrome, vaginal atrophy.

INTRODUÇÃO

Os equipamentos de radiofrequência (RF) utilizam a energia de ondas eletromagnéticas que se transformam em calor levando a neocolagênese tissular. Têm sido empregadas na melhora das queixas urinárias e sexuais quando aplicadas na vagina. A RF pode ser não ablativa ou microablativa. A não ablativa tem efeitos superficiais no epitélio e deve ser aplicada em movimentos semilunares continuamente. Por sua vez, a microablativa é aplicada de forma fracionada, em micropontos, assemelhando-se ao LASER CO2, porém com ação tissular ligeiramente mais profunda. Uma vantagem da RF microablativa é o seu custo mais acessível, além da visualização direta da aplicação da energia no epitélio vaginal.

ARF vaginal tem sido empregada tanto para os sintomas da síndrome geniturinária quanto para a incontinência urinária (IU), com várias publicações na literatura.

USO DA RF NÃO ABLATIVA NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA

Existem diversos equipamentos de RF não ablativa com ponteiras vaginais para o tratamento da IU, o mais utilizado é o monopolar. Em revisões sistemáticas, observa-

se que existem muitas variáveis como parâmetros, temperatura utilizada, forma de aplicação e número de sessões. A maior parte dos estudos concentraram-se na observação da incontinência urinária de esforço (IUE) e apenas 1 avaliou mulheres com IU mista. De uma forma geral, os resultados mostraram melhora ou cura da IUE nos seguimentos de curta duração em estudos considerados de baixa qualidade metodológica.^{1,2}

Estes estudos utilizaram o teste do absorvente em sua maioria e alguns questionários de qualidade de vida, e observaram diferentes resultados, sendo que um deles encontrou melhora do impacto da IU em 62,7% e melhora da qualidade de vida em 64,6%.^{1,2}

O uso da temperatura até 450 Celsius e a possibilidade de aplicação semanal devem ser destacados.^{1,2}

USO DA RF MICROABLATIVA NO TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA

Em nosso meio, o primeiro trabalho publicado envolvendo a RF microablativa observou mulheres com síndrome geniturinária da pós-menopausa, e a partir daí iniciaram-se os estudos para a IU.³

O primeiro estudo randomizado comparando LASER CO2 e a RF microablativa foi publicado recentemente com resultados promissores para a IUE e a IU mista, mostrando que ambas as energias são superiores em relação ao grupo controle (ponteira sem passagem de energia), e que não diferem entre si.⁴ Encontrou-se 76% de melhora subjetiva utilizando-se questionários de qualidade de vida e 55% de cura objetiva 1 ano após as 3 aplicações mensais consecutivas. Os resultados foram superiores nas mulheres com IUE quando comparadas com as que tinham IU mista.⁴

Estudos comparativos da RF microablativa com a fisioterapia do assoalho pélvico também têm sido publicados. Em estudo randomizado comparando RF microablativa com fisioterapia e associação das técnicas, os autores encontraram no seguimento de curto prazo, 1 mês após as técnicas, melhores resultado na associação das técnicas, porém sem diferenças no teste do absorvente.⁵

CONCLUSÃO

Existem dados favoráveis ao uso da RF para a melhora dos sintomas da IU, principalmente da IUE, porém estudos de seguimento mais prolongado e de melhor qualidade científica são necessários para o estabelecimento de parâmetros, indicações e taxas de sucesso, particularmente na RF não ablativa. Na RF ablativa, os estudos publicados são randomizados utilizando parâmetros semelhantes.

As principais sociedades médicas bem como as diretrizes estabelecidas por elas ainda relutam em aceitar o uso da RF no tratamento da IU. Na prática clínica a melhora dos sintomas de IU são observados com frequência, e muitas mulheres consideram-se curadas em seguimentos até 1 ano, havendo possibilidade de reaplicações futuras. Cabe ao ginecologista explicar que se trata de método alternativo para o tratamento da IU.

REFERÊNCIAS:

1. Ribeiro FC, Silva MLA, Silva MAPS, Gouveia GPM, ELS, Micussi MTABC. Use of radiofrequency for the treatment of urinary incontinence in women: a systematic review. *Rev Assoc Med Bras* 2021;67(12):1857-62.
2. González-Gutiérrez MD, López-Garrido A, Cortés-Pérez I, Obrro-Gaitán E, León-Morillas F, Ibáñez-Vera AJ. *Medicina (Kaunas)* 2022;58(3):437-448.
3. Kamilos MF, Borrelli CL. Nova opção terapêutica na síndrome geniturinária da menopausa : estudo piloto utilizando radiofrequência fracionada microablativa New therapeutic option in genitourinary syndrome of menopause. *Einstein* 2017;15(4):445-51.
4. Seki AS, Bianchi-Ferraro AMHM, Fonseca ESM, Sartori MGF, Girão MJBC, Jarmy-Di Bella ZIK. CO2 Laser and radiofrequency compared to a sham control group in treatment of stress urinary incontinence (LARF study arm 3). A randomized controlled trial. *Int Urogynecol J*. 2022 doi: 10.1007/s00192-022-05091-y.
5. Slongo H, Lunardi ALB, Riccetto CLZ, Machado HC, Juliato CRT. Microablative radiofrequency versus pelvic floor muscle training for stress urinary incontinence: a randomized controlled trial. *Int Urogynecol J* 2022;33(1):53-64.